

## A importância de Buber para a educação: repensando as relações EU-TU e EU-ISSO

### *The importance of Buber for education: rethinking the relations I-THOU and I-IT*

Alexandre Anselmo Guilherme

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

[alexandre.guilherme@pucrs.br](mailto:alexandre.guilherme@pucrs.br)

<https://orcid.org/0000-0003-4578-1894>

Caroline Becker

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

[carolbeckerr@gmail.com](mailto:carolbeckerr@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0003-2735-1110>

#### RESUMO

*O presente artigo apresenta uma reflexão acerca das contribuições do filósofo Martin Buber para o estabelecimento de relações e experiências mais profundas, enquanto seres humanos e relacionais. Essas contribuições serão focadas nas relações que se estabelecem na educação para uma formação que privilegie a condição humana e o desenvolvimento pelo diálogo. Na produção deste artigo, empregou-se, como metodologia, a revisão bibliográfica de importantes produções do próprio Martin Buber e de pesquisadores que estudam a sua obra. Por meio da abordagem dos conceitos propostos pelo autor, com destaque às relações EU-TU e EU-ISSO, estabeleceu-se a analogia entre a obra e a educação, destacando-se a importância do diálogo para o autor, a tal ponto de ser considerado a principal ferramenta da perspectiva buberiana, empregado na mediação para o desenvolvimento individual mais consciente e humanizado, para que se promovam mais relações EU-TU do que relações EU-ISSO, ao tratarmos de educação.*

**Palavras-chave:** EU-TU. EU-ISSO. Martin Buber. Diálogo. Educação.

#### ABSTRACT

*This article presents a reflection on the contributions of the philosopher Martin Buber, introduces current ideas and possibilities to establish deeper relations and experiences, as human beings and relational beings. These contributions will be focused on the relations that are entrenched in education for a background that privileges the human condition and development through dialogue. The methodology applied to this article was based on a bibliographical review of important productions of Martin Buber himself and of researchers who studied his work. According to the concepts proposed by the author, emphasizing I-THOU and I-THIS relations, the analogy between his work and education was established, highlighting the importance of dialogue, to the point of being considered the main tool of the*

*Buberian perspective, applied to mediate a more conscious and humanized individual development, to foster I-THOU relations than that of I-THIS relations, when it comes to education.*

**Keywords:** I-Thou. I-It. Martin Buber. Dialogue. Education.

## Introdução

Martin Buber (1878-1965), filósofo e teólogo judeu, é considerado um dos maiores pensadores em educação do século XX. Nascido em Viena em uma família judia ortodoxa, passou a maior parte de sua vida com seu avô, que era um proeminente estudioso do Midrash (Diálogo rabínico com a Torá, o Antigo Testamento), em Lvov, a capital da Galiza (Ucrânia atualmente). Ele recebeu o título de doutor pela Universidade de Viena em 1904 e trabalhou na Universidade de Frankfurt até 1933, renunciando à sua posição quando os nazistas chegaram ao poder e todos os judeus foram excluídos do sistema educacional. Integrou o comitê original que procurou estabelecer a Universidade Hebraica de Jerusalém e envolveu-se muito cedo com o movimento sionista, defendendo continuamente o diálogo com os árabes na Palestina e propondo a fundação de um programa binacional de Estado, onde ambas as comunidades iriam compartilhar o poder, uma vez que o mandato britânico terminou na Palestina.

Buber escreveu seu trabalho principal, EU e TU (*Ich und Du*), entre 1919 e 1922, e o publicou em 1923. É um grande trabalho filosófico-teológico que lida com as questões mais profundas do que é ser humano e de relações humanas. Neste artigo, a obra de Buber é compreendida como possibilidade extremamente atual para o estabelecimento de relações e experiências mais profundas. Essas contribuições estão focadas nas relações que se estabelecem na educação para uma formação que privilegie a condição humana e o desenvolvimento pelo diálogo. Por meio da revisão bibliográfica de importantes produções do próprio Martin Buber e de pesquisadores que estudam a sua obra, com destaque às relações EU-TU e EU-ISSO, estabeleceu-se a analogia entre a obra e a educação, destacando-se a importância do diálogo para o autor, a tal ponto de ser considerado a principal ferramenta da perspectiva buberiana.

Deste modo, o presente artigo divide-se em duas seções. A primeira, nomeada “Martin Buber e o conceito das relações EU-TU e EU-ISSO”, apresenta a teoria do autor e a proposta de pedagogia do diálogo. A segunda seção, nomeada “O diálogo de Buber para a

educação — formação do sujeito: um constante tornar-se”, apresenta as contribuições da obra de Buber para a Educação, com destaque para a importância do diálogo.

## Martin Buber e o conceito das relações EU-TU e EU-ISSO

Martin Buber, apesar de ter produzido a sua obra em outro período e contexto histórico, apresenta considerações e possibilidades para o estabelecimento de relações e experiências mais profundas, extremamente atuais, enquanto seres humanos e relacionais. Essas contribuições estão focadas nas relações que se estabelecem na educação, para uma formação que privilegie a condição humana e o desenvolvimento pelo diálogo. Martin Buber teve por objetivo levar os homens a descobrirem a realidade vital de suas existências e a abrirem os olhos para a situação concreta que estavam vivendo. É possível afirmar que, para Buber, é fundamental a tomada de consciência e a ação reflexiva para um viver com plenitude na condição social, inerente aos seres humanos, ideia expressa no trecho a seguir:

A grande maioria de nós alcança somente em raros momentos a plena consciência do fato de que não conseguimos degustar a realização da existência, de que a nossa vida não participa da verdadeira e realizada existência, como se a vida passasse à margem da existência genuína. Apesar disso, sentimos, constantemente, a sua ausência. De alguma maneira esforçamo-nos para encontrar, em algum lugar, aquilo que nos falta. (BUBER, 1973, p. 736)

A ideia apresentada por Buber corrobora o pensamento de Schopenhauer. Para este filósofo, vivemos para satisfazer os prazeres de forma contínua e cíclica. O desejo e a busca por si só produzem dor, expectativa e angústia. O prazer da conquista é efêmero e, após ser atingido, procura sentido em uma nova busca, em uma nova conquista, fazendo do viver um processo triste e de sofrimento:

Entre querer e alcançar flui sem cessar toda vida humana. O desejo, por sua própria natureza, é dor; já a satisfação logo provoca saciedade: o fim fora apenas aparente: a posse elimina a excitação, porém o desejo, a necessidade aparece em nova figura. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 404)

Para o autor, a plenitude só pode ser alcançada quando nos deparamos com arte, pois a contemplação artística eleva a mente do homem e possibilita a contemplação da verdade, sem a influência da sua vontade. Promove o contato com o mais profundo de seu ser, de modo a esquecer, através da arte, do eu individual e do interesse material. É como se o homem se libertasse da escravidão de seus desejos por aquele momento, movido por uma harmonia interior, levado ao mais íntimo de seu ser. Reale e Antiseri (2003, p. 232) também comenta sobre a importância da apreciação estética para uma harmonia interior:

A arte expressa e objetiva a essência das coisas. E, precisamente por isso, ajuda-nos a nos afastarmos da vontade. O gênio capta as idéias eternas e a contemplação artística mergulha nelas, anulando aquela vontade que, tendo optado pela vida e pelo tempo, é somente pecado e dor.

Diante disso, evidencia-se que as pessoas seguem em suas buscas incessantes por preencher um vazio de amor e vínculos que jamais poderá ser preenchido por relações superficiais, que, como uma droga, diminuem seus efeitos a cada nova breve dose.

Para compreender a filosofia de Martin Buber é importante conhecer o contexto histórico no qual ela foi construída. Martin Buber viveu entre 1878 e 1965. Tendo nascido em Viena e falecido em Jerusalém, defendeu durante toda a sua vida o emprego do diálogo na resolução de conflitos. Pensar a teoria de Buber, conhecendo e contextualizando o *Zeitgeist*<sup>1</sup> em que foi elaborada, aprimora o conhecimento acerca da perspectiva do diálogo, revelando que o pensamento de Buber permanece relevante para os nossos tempos, em particular, ao empregar o diálogo como ferramenta educacional para a resolução de conflitos e para a promoção da paz, fazendo de sua filosofia uma reflexão atemporal.

Sua história se deu em meio às grandes transformações do final do século XIX e começo do século XX, e sua subsequente acentuação de diferenças de classes e do domínio de uma perspectiva capitalista. Morgan e Guilherme (2012) relatam que na Alemanha, nas primeiras décadas do século XX — realidade vivida por Martin Buber —, o contexto de guerras e disputas fortaleceu a união das comunidades e fragmentou o povo alemão, por meio da supervalorização da cultura germânica e do desejo de purificação da raça, resultando na perseguição de “raças impuras”, como, por exemplo, os judeus. Foi neste contexto que Buber se colocou a pensar sobre as mais profundas questões do ser humano: a relação humana com a realidade e a relação humana com a natureza. O diálogo

---

<sup>1</sup> *Zeitgeist*: espírito da época.

apresentou-se como ferramenta fundamental na formação do sujeito e na mediação das relações, em um espaço de conflito étnico-racial intenso. Para Zuben, “[...] a concepção buberiana do diálogo é atípica porque se recusa a tratá-lo como simples processo psicológico ou mero meio de comunicação” (2003, p. 167), já que o diálogo, nessa perspectiva, pretende uma prática baseada no encontro genuíno de inter-humanos, portanto, trata-se de um encontro profundo da condição humana.

A visão de Buber foi e é bastante influente, servindo como uma das bases para a filosofia da educação. Buber preocupou-se em não apenas refletir sobre as relações, mas apontar caminhos para o estabelecimento do diálogo, já que, para ele, filosofar não é apenas um ato de abstração — é preciso cuidar para não se afastar da concretude da existência humana. “Sua voz ecoa exatamente numa época que paulatina e inexoravelmente se deixa tomar por um esquecimento sistemático daquilo que é mais característico no homem: a sua humanidade” (ZUBEN in BUBER, 2001, p. 7).

Nessa perspectiva, para repensar as relações em sua teoria, Buber (2001) distingue três esferas onde acontece a relação: a relação com os seres da natureza, a esfera dos homens e a esfera dos seres espirituais. Para o autor, estabelecemos relação EU-TU e relação EU-ISSO. A Relação EU-TU salienta a mútua e completa existência de duas entidades. Um encontro de reconhecimento mútuo. É um diálogo em sua plenitude. Qualquer tipo de preconceito, de expectativa ou sistematização impede a relação EU-TU decorrente. Morgan e Guilherme (2012) apresentam como exemplos da relação EU-TU no dia-a-dia dois amantes, dois amigos, um estudante e um professor. Para que uma relação seja pautada na perspectiva EU-TU, ela precisa ser plena, baseada no real encontro de duas pessoas que se reconhecem como sujeitos e se encontram abertas para receber o outro, seja da forma como ele for. Nessa perspectiva, o Tu é o que desperta no Eu algo capaz de transformar, de encantar, de causar impacto, de modificar: “[...] o mundo do Tu fundamenta o mundo da relação” (BUBER, 2001, p.6). A relação EU-TU é o que fundamenta a existência humana, é o que dá sentido e promove o desenvolvimento por meio das relações estabelecidas. São os reais encontros da vida que dão sentido a ela. Ao nos afastarmos do Tu, entramos no campo do Isso.

Na relação EU-ISSO, há diversos modos de existência. Buber (2001) os define em dois conceitos: experiência (*Erfahrung*) e a utilização ou uso (*Gebrauchen*). Para Hegel, *Erfahrung* pode ser definido como “[...] esse movimento dialético que a consciência exercita em si mesma, tanto em seu saber como em seu objeto, enquanto dele surge o novo objeto verdadeiro para a consciência, é justamente o que se chama experiência” (2002,

p.80). Na relação EU-ISSO não há o estabelecimento de reconhecimento mútuo e sim de objetivação do outro. Para atendermos algumas necessidades, precisamos dispor deste tipo de relação para atingirmos um objetivo. Para Morgan e Guilherme (2012), o outro na relação EU-ISSO se torna um meio para atingirmos um fim como, por exemplo, a relação com o taxista que nos conduz a um determinado lugar. A relação EU-ISSO é necessária para a existência humana e a compreensão de mundo, não devendo ser considerada ilegítima, sendo por ela que se dá a compreensão das aquisições científicas e técnicas da humanidade.

Essas duas formas de se relacionar não representam um dualismo. Não se caracterizam por ser ou isso ou aquilo, já que acontecem em oscilações constantes entre uma e outra. Ou seja, tem-se momentos de EU-TU que acontecem intercalados a momentos de EU-ISSO, sendo o contrário também recíproco. A tomada de consciência dos tipos de relações é que alteram a perspectiva de novos encontros com o outro. Buber (2001) afirma que o EU só existe ao estabelecer relação com o outro TU ou ISSO. Na relação EU-ISSO, corre-se o risco do desgaste e da acomodação nas relações, ao considerarmos que quando o ser humano se aliena da fonte do Tu, perde a plenitude do encontro que se encontra no Tu. Desta forma, reforça-se a ideia de que o homem não pode viver sem o ISSO, porém, ao viver somente com o ISSO, pode perder a sua essência humana. Para Buber, nem o capitalismo, nem o comunismo permitem uma verdadeira relação EU-TU. O capitalismo ignora o TU, em uma perspectiva mais individualista. O comunismo ignora o EU, ao ignorar o que é individual.

Nas relações EU-TU e EU-ISSO, na perspectiva de Buber, ao coisificar o outro, imponho-lhe apenas deveres e o torno um meio para um fim de meu interesse. Ao não reconhecer o TU no outro, não reconheço o meu próprio EU. Para Morgan e Guilherme (2012), quando isso acontece, o grupo não reconhecido como humano fica marginalizado e suscetível a ser vítima da criminalidade legitimada, como se não tivesse direitos, tal qual em equidade com outros seres humanos. Os autores citam como exemplo os genocídios ocorridos no século XX — verdadeiras atrocidades. Deste modo, a relação EU-TU — relação de reconhecimento mútuo — garante relações com base na moral e na ética.

Ainda nessa perspectiva, extremismo e radicalismo são muito complicados aos olhos de Buber, já que a polarização nos coloca em total oposição ao outro como negativa e não reconhecimento. Para o autor, a alternativa para a verdadeira relação EU-TU é o diálogo, com respeito às diferenças, em uma relação horizontal. O homem só se constitui através do outro. É nas relações que nos forjamos como pessoa: “O eu se torna eu em

virtude do tu” (BUBER, 2001, p. 49). É no entre, é no espaço do EU e do TU que experienciamos o mundo e a nós mesmos. Para Buber (2001), a aprendizagem ocorre no “entre”. É na diferença que construímos soluções e estratégias para conhecer o mundo e aprimorá-lo: “A natureza do homem não é contida somente na comunidade, na unidade do homem com o homem, mas numa unidade que repousa exclusivamente sobre a realidade da diferença entre eu e tu” (BUBER, 2001, p. 25).

Já na relação EU-ISSO, os seres humanos estão presos aos objetos, em relações diretivas, que buscam o seu interesse, suas perspectivas, suas expectativas, marcados pela parcialidade e pela exterioridade, o que acaba por negar a plenitude do EU do outro. Talvez a falta de tempo do momento histórico em que vivemos conduza-nos a relações mais coisificadas do que a relações plenas, podendo ser uma justificativa para o vazio existencial por tantas vezes relatado.

## **O diálogo de Buber para a educação — formação do sujeito: um constante tornar-se**

Talvez o diálogo seja a palavra/ideia-chave da obra de Buber. Para o autor, somente pelo diálogo podemos estabelecer relações plenas e promover a paz. Buber defende a promoção de comunidades dialógicas, que possibilitem a co-existência para a promoção da paz, do respeito e para a busca de soluções conjuntas. Para Morgan e Guilherme (2012), uma sociedade estabelecida no diálogo permite que as pessoas se desenvolvam intelectualmente, eticamente e politicamente, porque neutraliza a ameaça do conflito, removendo incertezas e perturbações, apesar de ser um processo difícil, sobretudo pela diferença cultural e pela hostilidade nas relações.

Ainda assim, em sua obra, Buber apresenta algumas diretrizes para a efetivação das relações dialógicas. Para o autor, o ponto de partida é a identificação de problemas comuns e a aceitação da necessidade de resolvê-los conjuntamente. Somente pelo diálogo permanente, constante e incansável é que as disputas podem ser superadas e a possibilidade de viver em paz realizada. Outro aspecto a ser ressaltado na filosofia buberiana é a valorização da integração, com a preservação da subjetividade; é a garantia

da autenticidade individual empenhada em propósitos coletivos, que garantam o reconhecimento mútuo e não a catequização:

É de suma importância para a filosofia do outro de Buber a irreducibilidade do tu a um objeto que a minha atitude determina à experiência, sobre o qual pode falar e anunciar juízos predicativos. Em hipótese alguma o outro pode ser um objeto. Se isto acontecer, e aí está o destino do homem, o Tu já não é mais senão um Isso, uma soma de qualidades, útil a um propósito realizável. O Tu não pode ser representado, já que a apresentação aqui é essencialmente presença, instante único do diálogo; a representação sugere de algum modo a independência do sujeito com relação ao representado. (BUBER, 2001, p. 58)

Na relação EU-TU destaca-se uma abordagem de mutualidade, onde o EU participa da abertura ontológica no qual o TU mostra-se de forma independente do pré-julgamento. A relação EU-ISSO é o oposto, sendo o ISSO um meio para um fim, sendo necessária para o cumprimento das nossas necessidades básicas. Entretanto, Morgan e Guilherme (2009) destacam que para Buber não há um dualismo acentuado para as duas formas de relação. Elas ocorrem simultaneamente, ao invés de ou uma ou outra. Desse modo, é a tomada de consciência dessas relações que transforma, que é transformadora: “[...] o ISSO é a crisálida e o TU a borboleta. Porém, não como se fossem sempre estados que se alternam nitidamente mas, amiúde, são processos que se entrelaçam confusamente numa profunda dualidade” (BUBER, 2001, p. 20).

Ainda sobre o diálogo, Buber (2001) aponta que “[...] a palavra é princípio (EU-TU), é fundamento da pessoa humana. A palavra diálogo é o fundamento ontológico do inter-humano” (p. 42). Sendo assim, Buber apresenta uma ideia de que nos tornamos pessoa a partir do outro, uma vez que para existir o EU é preciso que exista o TU. A partir dessa ideia-princípio, surgem as relações, as quais devem ter seu enfoque no entre — premissa para o estabelecimento de relações dialógicas: “[...] o entre permitiria como chave epistemológica, abordar o homem na sua dialogicidade; e só no encontro dialógico que se revela a totalidade do homem” (BUBER, 2001, p. 51). Vygotsky corrobora a ideia ao afirmar que:

[...] a constituição do sujeito não se esgota no privilégio de aspectos intrapsicológicos ou interpsicológicos, mas no processo dialético de ambos, e ainda, o que é mais expressivo, a constituição do sujeito acontece pelo outro e pela palavra em uma dimensão semiótica. (MOLON, 2003, p. 57).

Na teoria de Vygotsky (1996), a inter-relação desempenha papel estruturante na constituição do sujeito. É por meio dela que internalizamos a cultura, em um movimento constante de equilíbrio das relações intrapessoais e interpessoais. Dessa forma, o sujeito elabora o mundo em que vive, na mesma medida em que constrói sua identidade, pelas diferenças e semelhanças na relação com o outro.

Com destaque para o que se passa no “entre” das relações, Bartholo, Tunes e Tacca (2010) estabelecem a relação entre a teoria de Vygotsky e a teoria buberiana, ressaltando que se para Vygotsky a experiência anterior é a base para novas aprendizagens, o caminho para a construção de novos conhecimentos precisa ser mediado, dentro da perspectiva da zona proximal de desenvolvimento, por meio do diálogo. Ao considerar o diálogo como peça central deste processo, Vygotsky estaria em consonância com Buber. Para os autores, Buber e Vygotsky evidenciam afinidades em suas teorias ao apresentarem as relações como fundamentais para o desenvolvimento humano, a comunicação como ação concreta dessas relações e a aprendizagem ocorrendo no “entre”, na troca, em relações de EU-TU.

Bartholo, Tunes e Tacca (2010) destacam o papel do professor, na perspectiva vygotskyana, de ofertar possibilidades e caminhos para que a aprendizagem ocorra, sem jamais assumir uma prática de moldar a essência de outro ser humano:

A principal responsabilidade do educador é ser um filtro do mundo para o aluno que vai além do simples processamento, transmissão e armazenamento de informação. Significa que a relação pedagógica dialógica EU-TU deveria ter assimetria intrínseca. Ser um filtro significa permitir o fluxo de certos tipos de interação com o mundo e, ao mesmo tempo, desencorajar outros. Enquanto o aluno busca experimentar o mundo, tanto quanto possível, sem limites, o educador esforça-se para selecionar experiências<sup>2</sup>. (BARTHOLLO; TUNES; TACCA, 2010, p. 872, tradução nossa)

Sendo assim, o professor ocupa, nos processos de ensino e de aprendizagem, o lugar de alguém atento às necessidades desse aluno, capaz de mediar o caminho para seu desenvolvimento, sem desrespeitar sua subjetividade. Os autores reforçam a ideia do diálogo genuíno, de entrega mútua, no qual o professor deva estar realmente atento à

---

<sup>2</sup> The educator’s main responsibility is being a filter of the world to the learner, wich goes beyond simple information processing, transmission and storage. It means that in the pedagogical dialogical *I-Thou* relation (as well as in therapy), there should be intrinsic asymmetry. Being a filter means allowing the flow of certain types of interaction with the world and discouraging others at the same time. While the learner seeks experience the world as much as possible without any limits, the educator endeavours to select experiences.

realidade e à compreensão de mundo apresentada pelo aluno, para que a construção do conhecimento seja significativa. O professor precisa ter uma ideia de proposta para mediar o processo ensino-aprendizagem, mas jamais amarrá-la de modo que a sua atuação favoreça a conclusão de um cronograma preconcebido e ignore o contexto e as reais necessidades dos alunos.

Para Bartholo, Tunes e Tacca (2010), de acordo com Buber e Vygotsky, o professor precisa despir-se de seus preconceitos e possibilitar que os alunos apresentem diferentes formas de significar o seu mundo. O diálogo, nesse sentido, não pode servir de ferramenta para a imposição de crenças e valores do professor (quer dizer, relações EU-ISSO) e sim como ferramenta de uma troca de pontos de vista que promova a reflexão e o pleno desenvolvimento do aluno (embasada em relações EU-TU). Nesse sentido, os autores afirmam que esta seria mais uma afinidade entre Vygotsky e Buber: professor e aluno ocupam papéis de extrema importância no processo ensino-aprendizagem, no qual é preciso que ocorra um real encontro para que cada um realize sua função de forma genuína, possibilitando que o resultado nesse processo seja o produto de aprendizagem dessa relação, com respeito às diferenças, potencialidades e singularidades.

Para Buber (2001), a garantia de relações legítimas, com respeito à subjetividade dos envolvidos, por meio de relações dialógicas, demanda algumas características fundamentais, tais como ratificadas no trecho a seguir: “[...] as principais categorias desta vida em diálogo são as seguintes: palavra, relação, diálogo, reciprocidade como ação totalizadora, subjetividade, pessoa, responsabilidade, decisão-liberdade, inter-humano” (BUBER, 2001, p. 43).

Sendo fato que o desenvolvimento humano ocorre na relação com o outro, o diálogo encontra, aqui, papel fundamental na formação do sujeito. Em Vygotsky (1996), o eu se constrói na relação com o outro, em um sistema de reflexos reversíveis, em que a palavra desempenha a função de contato social, ao mesmo tempo em que é constituinte do comportamento social e da consciência. Essa perspectiva se opõe à crença de que o conhecimento é transferido de uma pessoa que o detém a outra que nada sabe. Na relação com o outro, elabora-se a percepção da realidade e se desenvolvem as habilidades mais aprimoradas da condição humana, enquanto seres racionais e relacionais.

O desenvolvimento humano pressupõe a interação, por meio da linguagem. Morgan e Guilherme (2012) ressaltam que, para Buber, o diálogo deve ser o núcleo da educação. O filósofo criticava a educação centrada no professor *adress on education*, pois

dificulta a relação EU-TU, colocando professor e aluno em uma relação EU-ISSO, na qual o professor fornece fatos e informações aos alunos, mas não estimula a criatividade.

Também Buber, segundo Morgan e Guilherme (2012), critica a educação baseada no aluno. Para ele, uma educação baseada no diálogo coloca peso adequado tanto no papel do professor quanto no papel do aluno. O papel do professor é o de definir o currículo, a estrutura dos conteúdos e disciplinas, de modo a promover a criatividade de forma atenta às necessidades dos alunos. O professor é o mediador para que o aluno conheça e domine seu mundo, mas também é quem o incentiva a aperfeiçoá-lo — a ideia de aperfeiçoar o mundo é um conceito chave do judaísmo e significa melhora física e social do mundo. É claro que o que importa na educação não é a liberdade sem direção, mas a comunhão, tendo ambas um sentido e um propósito. Comunhão e diálogo são palavras-chave na filosofia da educação de Buber.

Reforça-se também que o ensino e a aprendizagem não são relações de empatia, o que implica em colocar-se na posição do outro, o que anularia a diferença. A aprendizagem acontece na diferença e não no que é igual. A ideia não é de anulação e sim de validação — é incluir, é aceitar o ponto de vista do outro. É o professor poder identificar aspectos através do olhar do aluno, sem perder o controle da sua perspectiva como professor. Para Buber, a relação EU-TU entre aluno e professor não é totalmente mútua, já que a relação educativa não permite, pois professor e aluno ocupam papéis distintos nesse processo, o que pode não garantir a plenitude da reciprocidade, mas deve ter a premissa da genuinidade.

Martin Buber contribuiu significativamente para a Pedagogia com conceitos e procedimentos empregados na manutenção da paz. Para o autor, o processo educativo deve privilegiar o diálogo e a cooperação entre alunos e professores, considerando que, em sua opinião, estamos sempre em uma relação, já que o individual não existe sem estar numa relação. Para Guilherme (2016), “estamos sempre em uma relação com os outros seres humanos, com o mundo e com Deus. E por virtude de sermos seres humanos, só somos capazes de dois tipos de relações: a relação EU-TU e a relação EU-ISSO” (p.231). Na relação EU-TU, estabelecemos uma abertura ao outro, sem interesses, permitindo que o outro se manifeste como realmente é. Na relação EU-ISSO, o outro é o meio para algum fim, vendo o outro como objeto e não como um igual.

Ainda para Guilherme (2016), a educação envolve os dois tipos de relação. A escolha de currículo, de tópicos, pode ser um exemplo de relação EU-ISSO, numa perspectiva da educação como instrução, o que os alemães nomeiam de *Erziehung*,

podendo ser comparada com a expressão “Educação bancária” de Paulo Freire. Nesta forma de educação, o professor transfere informações ao aluno, desconsiderando-o em suas potencialidades, criatividade e subjetividade.

Para Guilherme (2016), a relação professor-aluno precisa ser o mais simétrica possível, para que se possa estabelecer a relação EU-TU. É nessa abertura de espaço para que o outro se manifeste como realmente é que ocorre a transformação do EU:

Quando levamos o processo de educação a esse nível, trabalhamos dentro daquilo que os alemães chamam de *Bildung* — educação do caráter. O outro não pode nos questionar se não abrimos espaço para ele e vice-versa. É através dessa abertura, desse questionamento, que nos transformamos mutuamente. (GUILHERME, 2016, p. 233)

Para que a educação no sentido *Bildung* ocorra é preciso que o professor assuma o papel de construtor e mediador de um espaço que garanta a possibilidade de estabelecimento de relações EU-TU. Apesar da necessidade de uma relação que busque a simetria entre aluno-professor, Guilherme (2016) ressalta que essa relação não pode virar uma relação de amizade, sob pena de destruir a relação educacional entre professor e aluno e, assim, de prejudicar o processo educativo. Por outro lado, esse processo deve sempre estar pautado na perspectiva humana, em busca de relações que não coisifiquem o sujeito, conforme afirma Parreira (2013, p. 1):

Essas questões impelem o professor e o aluno a relações cada vez mais coisificadas e desnaturadas, dando espaço à indiferença, ao individualismo e à racionalidade excessiva. Relações em que o interpessoal é perdido por intermédio do esgotante exagero de conteúdos, da falta de tempo, da intolerância, do desencontro, da insatisfação, da decepção, do descaso, da indisciplina, do desânimo, da ausência de reconhecimento e da falta de diálogo; descaracterizando, em primeiro lugar a escola enquanto ambiente de interações vívidas e, em segundo lugar, os seus membros como seres humanos.

Para tanto, o papel da escola encontra-se muito além de ser apenas quem ensina. É no espaço escolar que a criança experiencia suas primeiras relações em comunidade, fora do seu núcleo familiar. Nesse espaço, a criança precisa ser desafiada a buscar estratégias no entre, nas diferenças, que possibilite a convivência no coletivo, em uma aprendizagem muito maior do que a aquisição de conteúdos — quer dizer, necessita de *Bildung*.

É por meio do diálogo que a criança estrutura seu pensamento, expressa-o, escuta o pensamento do outro e reelabora o seu, numa perspectiva de formação nos diversos âmbitos da dimensão humana, pois, mais do que assimilar conteúdo, a criança constrói conhecimento e se instrumentaliza para a vida em sociedade — premissa da condição humana. Talvez esse seja o grande desafio e a grande contribuição do pensamento de Buber para a educação: a escola não é espaço de formatação de alunos e sim de formação, de reconhecimento das diferenças, de mediação de relações e de validação dos sujeitos. É na singularidade das experiências mais profundas com o outro e com o mundo que nos desenvolvemos como pessoas, carregadas das significações e sentidos singulares da existência de cada um.

A relação não é uma propriedade do homem, assim como a intencionalidade não significa algo que está entre a consciência e o mundo ou o objeto. Sendo assim, a relação é também um evento que acontece entre o homem e o ente que se lhe defronta. (BUBER, 2001, p. 46)

Para Buber, o valor da vida humana está em conhecer as pessoas e, na medida do possível, mudar alguma coisa no outro, ao mesmo tempo em que se permite mudar alguma coisa em si mesmo. O processo de aprendizagem é exatamente isso: mediar uma mudança no outro, que também implica em ser implicado, modificado. Modificamos nas relações, no encontro com o outro, em um processo infindo, na busca por um tornar-se. Ninguém passa ileso pelos encontros da vida e é no diálogo que encontramos a plenitude da nossa condição humana. MASSCHELEIN (2010) corrobora a ideia ao afirmar que:

Trata-se de um olhar sobre o mundo em relação ao mundo e à sua verdade. Este movimento não é um movimento além do que é visível, mas um movimento em direção ao seu trabalho ou poder, não apenas para conhecê-lo, mas para torná-lo "real" ou "presente". O que já foi dado deve ser oferecido novamente para que se torne realmente entregue: ele deve ser recebido e recriado para ser o que é. Oferecer novamente é "realizá-lo", para marcar, insistir no seu presente e na sua presença. Não se trata apenas de uma visão ou representação simbólica de um conteúdo cognitivo ou cultural (uma história ou uma moldura). O presente não é o que aparece na nossa frente (como um objeto de conhecimento ou uma questão de interpretação), mas o que é experienciado quando estamos atentos ou quando estamos 'presentes no presente'<sup>3</sup>. (p. 276, tradução nossa)

<sup>3</sup> It is rather about a look at the world as a regard for the world and its truth. This movement is not a movement beyond what is visible, but a movement towards its work or power, not only to make it known, but to make it 'real' or 'present'. The given must be given again in order to become really given: it must be received and recreated to be what it is. To give again the given is to 'realize' it, to

A teoria de Buber discorre sobre aceitar e confirmar o indivíduo na sua potencialidade. Enxergá-lo, ter possibilidades quanto a ele, pois inevitavelmente, enquanto seres humanos, estamos em constante vir a ser. Confirmar é reconhecer, aceitar, validar, surpreender-se. É comum categorizarmos as pessoas e é sobre isso que Buber provoca nosso olhar: propõe abrir mão da categorização, dos preconceitos e/ou das expectativas em relação ao outro. O autor propõe uma abertura plena e legítima ao outro, sem o desejo de catequização, de colonização do outro em relação a nós mesmos, mas de uma mudança possível no encontro, nas diferenças, no reconhecimento do outro enquanto ser humano.

Como contribuição da filosofia buberiana para o espaço escolar, pode-se salientar o estímulo para desenvolver a capacidade de perceber o outro e de validá-lo, para que possamos estabelecer mais relações EU-TU do que EU-ISSO. A relação EU-TU requer reciprocidade. A experiência de ouvir, responder, dialogar, acolher a diferença é a essência do “entre”, da reciprocidade. “Presença não é algo fugaz e passageiro, mas o que aguarda e permanece diante de nós. Objeto não é duração, mas estagnação, parada, interrupção, enrijecimento, desvinculação, ausência de relação, ausência de presença” (BUBER, 2001, p. 14). A educação, enquanto processo de formação do sujeito, ocorrerá, na perspectiva buberiana, quando se promoverem espaços e experiências de relações plenas. É preciso educar para uma escuta atenta, para um real interesse na humanidade do outro e, por consequência, na sua própria condição humana.

## Conclusão

Ao pensarmos em processos de formação, de educação, refletimos sobre dois papéis: o de aprendente e o de ensinante. Em uma relação de aprendizagem, esses papéis se alternam constantemente, pois não há como ensinar sem constituir aprendizagem e não há como aprender sem, de alguma forma, também estar ensinando. Nessas relações que se estabelecem no processo educacional é o que ocorre no “entre” que promove o desenvolvimento. “O ‘entre’ que se constrói entre o sujeito aprendente do aprendente e o sujeito ensinante do ensinante é um espaço de produção de diferenças” (FERNÁNDEZ, 2001, p. 56). E é nas diferenças que ampliamos conhecimentos acerca do mundo em que vivemos. É na diferença que é preciso se instrumentalizar para superar desafios e lidar

---

make it impress, to insist on its present and presence. Which is not a mere matter of vision or the symbolical representation of a cognitive or cultural content (or a story or a frame). The present is not what appears as such and before us (as an object of knowledge or an issue of interpretation), but what is experienced when we are attentive or when we are 'present in the present'.

com o que não é habitual. Portanto, o “entre” subsidia a formação do EU e do TU e é por isso que o diálogo é basal no processo educacional e ferramenta fundamental, endossada na filosofia buberiana.

O “entre” se dá nas relações EU-TU e EU-ISSO, as quais se apresentam como meio para conhecer e vivenciar o mundo. Ambas são inerentes à condição humana, mas somente pela relação EU-TU é possível obter um encontro genuíno com a humanidade que há no outro e é por isso que o diálogo recebe merecido destaque na obra de Martin Buber. Sua filosofia se apresenta extremamente atual e relevante para a educação, em tempos regidos pela falta de tempo, pelo individualismo e pela distância entre as pessoas.

Educar para a consciência, para a validação do outro e de si mesmo são funções a serem assumidas pelos espaços de educação. Saber conviver, ampliar a consciência de mundo, desenvolver autoconhecimento, tolerância e respeito às diferenças são práticas a serem ensinadas, para a instrumentalização em prol do diálogo. Saber ouvir com real atenção é uma habilidade a ser desenvolvida, assim como argumentar e suportar a argumentação alheia, sem a pretensão de subjugar o outro, são atitudes que exigem reflexão profunda e o reconhecimento de que estamos todos sempre em processo de vir a ser.

Inegavelmente, a teoria de Buber é estruturante na ação educacional e aponta aspectos atemporais para o pleno desenvolvimento humano, para a vida em sociedade. Buber criticava a filosofia sem ação e por isso propôs possibilidades práticas para o diálogo autêntico. Com mais de um século de suas contribuições, percebemos que ainda é preciso fazer muito para que a prática educativa seja pautada na teoria do diálogo autêntico, para que a educação exerça sua função, em busca da humanização das relações.

Desse modo, assumir a proposta dialógica de Buber nas práticas pedagógicas dos espaços de formação é mais do que educar para a aquisição de informações e de competências curriculares. É reconhecer a complexidade dos seres humanos, suas individualidades e seus direitos de coabitarem em um espaço que garanta e promova relações de respeito e de plenitude. Mais do que isso, é humanizar as relações em tempos de coisificação do outro e esse movimento só será possível por meio do diálogo autêntico.

Tais ações, aqui apontadas no âmbito educacional, apresentam-se fundamentais para a vida em sociedade, na garantia dos direitos individuais, mas também coletivos. Ações concretas, que são não só necessárias, mas também possíveis no contexto atual podem e devem ser empregadas nos mais diversos espaços de formação. O diálogo, como principal ferramenta da perspectiva buberiana, pode ocupar uma perspectiva de mediação

que promova o desenvolvimento individual, mais consciente e humanizado, resultando na qualificação das relações sociais e interpessoais, na garantia de respeito às singularidades e na formação plena dos seres humanos, para que se promovam mais relações EU-TU do que relações EU-ISSO ao tratarmos de educação.

## Referências

BARTHOLO, Roberto; TUNES, Elizabeth; TACCA, Maria Carmen Villela Rosa. Vygotsky's and Buber's pedagogical perspectives: some affinities. **Educational Philosophy and Theory**, Oxford, v.42, n.8, p.867-880, 2010.

BUBER, Martin. **EU-TU**. São Paulo: Centauro, 2001.

BUBER, Martin. **Das Dialogische Prinzip**. 3. ed. Heidelberg: Lambert Schneider, 1973.

FERNÁNDEZ, Alicia. **O saber em jogo**: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamentos. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

GUILHERME, Alexandre. Alex Guilherme e o diálogo de e com Martin Buber. Entrevista com Nilda Stecanella. **Conjectura: Filosofia e Educação**, Caxias do Sul, v. 21, p. 216-230, 2016.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Trad. Paulo Meneses. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MASSCHELEIN, Jan. The idea of critical e-ducational research: e-ducating the gaze and inviting to go walking. In: GUR-ZE'EV, Ilan (Ed.). **The possibility/impossibility of a new critical language in education**. Rotterdam: Sense, 2010. p. 275-291.

MOLON, Susana Inês. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORGAN, John; GUILHERME, Alexandre. I and Thou: The educational lessons of Martin Buber's dialogue with the conflicts of his times. **Educational Philosophy and Theory**, United Kingdom, v.44, n.9, p. 979-992, 2012.

MORGAN, John; GUILHERME, Alexandre. Martin Buber's philosophy of education and its implications for adult non-formal education'. **International Journal of Lifelong Education**, United Kingdom, v. 28, n. 5, p. 565-581, 2009.

PARREIRA, Gisele Geralda. O sentido da educação em Martin Buber e a formação do grande caráter. In: CONGRESSO DE FEMENOLOGIA DA REGIÃO CENTRO-OESTE, 5., 2013, Goiás. **Anais [...]**. Goiás: PUC-GOIAS, 2013. p.1-12.

REALE, Giovanni.; ANTISERI, Dário. **História da filosofia**: do romantismo até nossos dias. 6.ed. São Paulo: Paulus, 2003.

A IMPORTÂNCIA DE BUBER PARA A EDUCAÇÃO: REPENSANDO AS RELAÇÕES EU-TU E EU-ISSO  
GUILHERME, A. A.; BECKER, C.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: UNESP, 2005.

VYGOTSKY, Lev. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZUBEN, Newton Aquiles Von. Martin Buber e a Nostalgia de um mundo novo. In: ZUBEN, Newton Aquiles Von. **Martin Buber**: diálogo e cumplicidade. Bauru: EDUSC, 2003.

**Submetido em 12/05/2017**

**Aprovado em 02/08/2019**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)